

RESENHA:
ESCOLA APRENDENTE: PARA ALÉM
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO
(Maria Helena Silveira Bonilla)

Clarisse Hendges*

Maria Helena Silveira Bonilla, é licenciada em Matemática e mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua como professora na Faculdade de Educação da UFBA, é pesquisadora na área de Educação e Tecnologias e integra o grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia da Faced/UFBA.

Nos últimos anos, é perfeitamente notável o grande avanço que vem acontecendo nas ciências e, com ela, sua aplicação através das tecnologias de informação e comunicação, redimensionando os modos de vida da civilização humana. O esboço desencadeado por Bonilla traz inicialmente uma retrospectiva de como a sociedade incorporou as tecnologias e, em seguida, busca ressignificar a concepção anterior, propondo uma sociedade que vá além de uma sociedade de informação. Além disso, que seja capaz de gerar conhecimento sobre seu contexto; portanto, a idéia é pensar numa sociedade do conhecimento. Com este objetivo, por fim, a educação também é desafiada, operando em direção a uma escola aprendente, não apenas estruturando-se fisicamente com as “máquinas”, mas, centrando-se numa articulação em rede, numa abertura à realidade social.

Tentando responder às transformações sociais que ocorrem no mundo, surge o Programa Sociedade da Informação, lançado no Brasil em 1999. Neste país, ele incorporou a ação que já vinha sendo desenvolvida para integrar tecnologias às escolas (PROINFO), porém, a maioria das escolas brasileiras ainda não está totalmente envolvida. Em Portugal, o programa foi implantado em 1997, com o Nónio - século XXI e Internet na Escola, voltado a diretrizes mais sociais que econômicas. Porém, enquanto membro de uma comunidade europeia, acabou cedendo espaço também ao cunho econômico e competitivo.

Nas escolas, estas tecnologias supracitadas, chegaram por decisão das direções e órgãos governamentais, enquanto que os professores ficaram à margem do processo, sem entender a finalidade de uso das mesmas, tampouco, compartilhar com os demais suas concepções a respeito do assunto. As ações suscitadas por tais programas foi especificamente o aparelhamento das escolas com computadores e conexão à Internet, propondo juntamente, uma alfabetização digital voltada à habilidade necessária para a população fazer o uso das Tecnologias de Informação e

Comunicação (TIC). A educação assim, não passava de uma mera mercadoria, enquadrando alguns aos seus modelos e descartando outros que “fogem” dos “padrões normais” estabelecidos.

O problema mais crítico da contemporaneidade aparece exatamente neste cenário de exclusão. Não basta apenas o acesso a informação, pois esta última é somente um dado organizado, indiferente ao significado. Já a atribuição de significado às informações constitui-se conhecimento e está estreitamente atrelado aos saberes prévios de cada um. Logo, cria-se a necessidade de difundir e ampliar a sociedade de conhecimento, pois nela o novo conceito de inclusão digital, segundo Bonilla, surge como um investimento na democracia, na cidadania eletrônica, nas comunidades de conhecimento, nas organizações aprendentes e na inteligência coletiva.

Para um encaminhamento a esta sociedade do conhecimento, releva-se a importância de um trabalho em rede. Este, enquanto espaço de comunicação permitido pela infra-estrutura material, propõe uma visão de objetivos comuns e relações de troca entre os sujeitos em comunicação, mesmo sabendo-se que a influência da Internet pode, por vezes, ser maléfica. Isto não justifica, nem convence, a idéia de sua completa eliminação, mas requer sim ser repensada em suas questões éticas e políticas de uso, afinal ela potencializa o ser humano.

A escola necessita, assim, entrar em sintonia com o mundo de fora, através deste novo espaço de comunicação, denominado ciberespaço. Cabe ao professor a tarefa de não apenas idealizar as TIC como simples instrumentos eficazes para se captar informações, mas numa dinâmica estabelecida via rede, dar acesso à virtualidade (formação de comunidades por objetivos comuns), hipertextualidade (acesso a informações sem seqüência linear) e interatividade (emissores e receptores ativos simultaneamente). As grandes possibilidades de conhecimento oferecidas pela Internet dependem de como ela é utilizada e de uma postura teórica crítica do professor, buscando a constituição de uma escola aprendente, cujos sujeitos do processo agem ativamente.

Para dar consistência à possibilidade que se coloca - de transformar as escolas em aprendentes - Bonilla destaca uma pesquisa que fez com professores de uma escola na cidade de Ijuí-RS, com os quais realizou encontros apresentando suas propostas para utilização das tecnologias digitais. Destes encontros, emergiram práticas junto aos alunos, que

realizaram uma visita ao bairro pobre da cidade de Ijuí, detectando neste local, os principais problemas sociais existentes. Após, houve a discussão e troca de opiniões utilizando a Internet. Foi o desdobramento de uma experiência, na qual a tecnologia deixou de ser espaço de consumo para permitir a constituição de cultura e de uma nova forma de pensar, sentir e agir.

Metodologicamente, o livro destacado apresenta uma abordagem dedutiva do tema, pois parte-se da entrada das tecnologias na sociedade em geral para em seguida, especificar suas conseqüências ao cotidiano do contexto escolar.

Mantendo um olhar atento sobre a obra de Bonilla, percebe-se o quanto sua pesquisa contribuiu a educação, despertando o cotidiano escolar e fazendo-o sair de seu casulo para dar-se conta do mundo exterior que o insere. Desabrocha, também, para as possíveis relações interativas em torno do conhecimento, feitas pelo coletivo, através da Internet, muitas vezes ignorado, ou então, não dominado suficientemente para ser explorado de forma proveitosa.

Entretanto, há de se ter um cuidado crucial quando se transfere uma superior relevância à interatividade digital, pois ela pode acentuar o declínio de relações diretas num grupo. Isto pode, conseqüentemente, reforçar uma ação humana menos comprometida com o outro em questões de solidariedade, autenticidade, sinceridade, entre outros. Logo, o uso consciente das TIC é imprescindível na educação, tentando-se manter um equilíbrio, sem amenizar o contato humano tão importante ao desenvolvimento individual.

Endereço esta leitura realizada a todos os cursos ancorados às ciências humanas, em especial às licenciaturas, pois pensar sobre as mudanças sociais impactuosas e desenfreadas, dadas pela evolução científica nos últimos anos, comporta uma renovada forma de compreender e (re) interpretar as ações humanas no mundo.

Notas

* Graduada em Pedagogia Anos Iniciais e Matérias Pedagógicas de Nível Médio pela Universidade de Passo Fundo (UPF), aluna especial do Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, professora de anos iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente José Weber do município de Chapada/RS, residente na Rua Santos Dumont, 249 em Chapada. Endereço eletrônico: clarissehendges@yahoo.com.br , telefone (54) 9603-1995.

Referências

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

Recebido em setembro de 2007.

Aceito em setembro de 2007.